

Trabalho Precarizado em Tempos de Coronavírus

Renato Bonfatti – CESTE/ENSP/FIOCRUZ

Se o estudo dos efeitos da precarização do trabalho já vem sendo um grande desafio para os que militam na Saúde do Trabalhador, mais desafiante ainda se tornam estas questões se considerarmos o momento de pandemia que ora estamos vivendo.

Precarização significa relação de trabalho com pouca ou nenhuma regulação.

Significa um trabalho sem garantias que protejam a parte sempre mais fraca da relação que é o trabalhador. E se considerarmos ainda um contexto social de desemprego, isso significa também baixo poder de barganha, de negociação, e conseqüentemente baixos salários. Os trabalhadores, sem alternativa, se veem então vulnerabilizados, por quanto expostos a baixos salários, trabalho intensificado, jornadas muito longas e sem proteção em caso de doença ou acidente. Tal situação implica também em maior exposição a riscos podendo aumentar significativamente a nocividade relacionada ao trabalho.

No contexto da atual epidemia se tem recomendado que as pessoas trabalhem em casa, no entanto, muitas dessas atividades precarizadas não são compatíveis com o trabalho em casa. Os motoristas por aplicativos são um forte exemplo desta incompatibilidade. Não podendo trabalhar em casa e premidos pela necessidade de gerar recursos para o seu sustento não têm outra alternativa a não ser trabalhar, mesmo expondo-se aos riscos de contágio. Procuram então desenvolver estratégias de mitigação dos riscos mantendo as janelas do veículo abertas; usando máscaras e luvas; limpando as superfícies com desinfetantes, além de tentar selecionar os passageiros, procurando evitar aqueles supostamente de maior risco evitando aeroportos e hotéis.

No entanto, aumentando sua exposição ao risco de contaminação e com seu trabalho contribuindo para a maior circulação de pessoas, acabam por aumentar também a possibilidade de disseminação da doença, o que afetará de forma negativa as estratégias de controle epidemiológico.

Por outro lado, os motoristas de entrega, em função do estado de quarentena e isolamento social generalizados, estão sendo e, ao que tudo indica, serão cada vez mais solicitados nessa situação, o que os expõe a esses riscos de contato também.

A precarização do trabalho, com ruptura ou fragilização dos vínculos trabalhistas, implica, então, em aumento dos riscos e conseqüentemente da nocividade nos ambientes de trabalho. Isto significa que o trabalho passa a adoecer mais as pessoas. Veja-se, por exemplo, o fato de que os trabalhadores com vínculos empregatícios mais precários, constituem os grupos mais afetados por acidentes e doenças relacionadas ao trabalho nas empresas. Esse fenômeno tem sido fartamente demonstrado por uma significativa quantidade de trabalhos científicos.